

DIVERSIDADE CULTURAL NAS PRATICAS SOCIOPRODUTIVAS DA COMUNIDADE RURAL OLHOS D' ÁGUA - UBERLÂNDIA-MG

Angélica Borges dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
angel_ufu@yahoo.com.br

Rossvelt José Santos

Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG
rossvelt@ufu.br

Recebido em: 10/09/2015; Aceito para publicação em: 06/06/2016

RESUMO

Relações produtivas múltiplas compõem o espaço rural brasileiro. Muitas delas são conduzidas por camponeses, considerados nesse artigo como grupo social composto por sujeitos que estabelecem relações heterogêneas múltiplas nas muitas dimensões da vida cotidiana e que pelo trabalho adquirem expressiva importância na produção de alimentos. Suas estratégias produtivas e de sociabilidade entre vizinhos e parentes observados na pesquisa, se configuram como representações das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos que vivem do trabalho na terra, mediados pelas suas experiências, práticas e costumes socioculturais que fundamentam seus modos de vida. Assim, do universo cultural deriva também o processo produtivo, pois este envolve saberes e fazeres constituídos ao longo do tempo, os quais foram se modificando de acordo com as necessidades daqueles produtores rurais analisados na comunidade Olhos d' Água.

Palavras-chave: camponeses; práticas socioculturais; territorialidade.

CULTURAL DIVERSITY IN SOCIAL AND PRODUCTIVE PRACTICES OF THE RURAL COMMUNITY OLHOS D' ÁGUA - UBERLÂNDIA-MG

ABSTRACT

Diverse productive relationships compose the Brazilian rural space. Many of them are led by small farmers, considered in this article as a social group of individuals who establish multiple relationships in the many dimensions of everyday life and the work acquires significant importance in food production. Their productive strategies and sociability between neighbors and relatives observed in the survey, are configured as representations of social relations between the subjects of the field, mediated by their practices and customs that support their livelihoods. Thus, the cultural universe also derives the production process, as it involves knowledge and practices established over time, which have been modified according to the needs of small farmers in the community Olhos D'Água.

Key-words: small rural producers; cultural practices; territoriality.

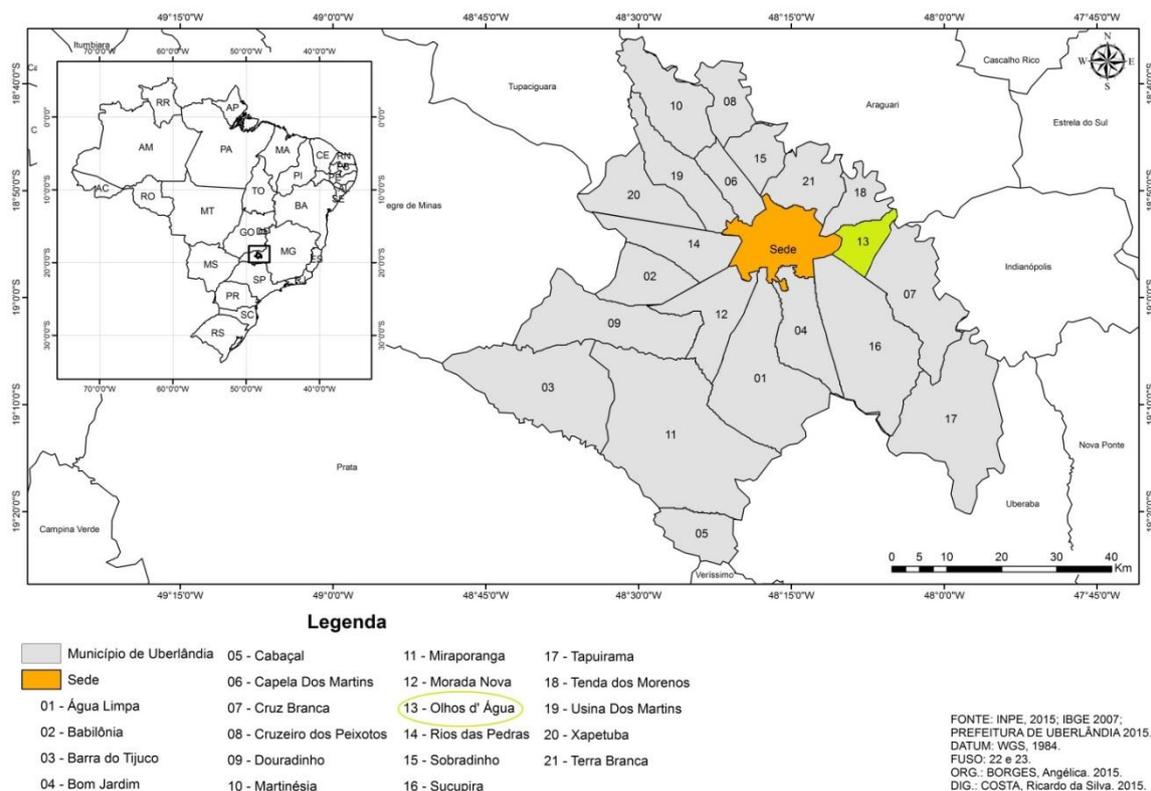
INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o espaço utilizado pelos camponeses da comunidade Olhos d' Água no município de Uberlândia-MG. Como se trata de antigos agricultores o texto dá ênfase à territorialidade, às relações sociais e as suas conotações simbólicas e os seus desdobramentos nas práticas socioculturais desse grupo social.

As discussões apresentadas derivam de reflexões baseadas em pesquisa de mestrado, na qual buscamos analisar as relações sociais imbricadas nos arranjos e estratégias produtivas do camponês local. A metodologia utilizada tem um caráter analítico-descritivo em que foi feita compilação de informações na literatura sobre as formas tradicionais de produção e de reprodução dos camponeses.

O município de Uberlândia localiza-se a Oeste do estado de Minas Gerais na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, entre as coordenadas 19°14" e 18°34" de latitude Sul e 48°50" e 47°03" de longitude a Oeste de Greenwich (Mapa 01). A prefeitura do município intervém administrativamente no espaço rural a partir de conselhos comunitários sendo no total 21 (vinte e um) conselhos que constituem o zoneamento do espaço rural, utilizado como instrumento de gestão municipal para fins de planejamento territorial.

Figura 1. Mapa de localização do município de Uberlândia/MG com delimitação dos conselhos comunitários rurais e destaque para área de estudo, o Conselho Comunitário Olhos d'Água.



Como já indicado a abordagem será para a comunidade rural estabelecida no Conselho Comunitário Olhos d'Água, localizada na porção nordeste de Uberlândia-MG (mapa 01), sua extensão vai desde a BR 365, Km 607, até o limite do município no Rio Araguari, que se caracteriza pela existência de várias nascentes, áreas úmidas e córregos.

Nesta comunidade rural há predomínio de terras de cultura, avaliada pelos pesquisados como de boa qualidade. Elas são utilizadas secularmente para o cultivo de alimentos. Em seus domínios existe uma marcante presença de pequenas propriedades rurais, onde se cultivam

principalmente a olericultura e fruticultura, cuja produção é destinada ao mercado consumidor da cidade de Uberlândia e entorno.

O módulo fiscal no município corresponde a uma área de 20 hectares, sendo que, de acordo com dados do levantamento rural de 2011/2012 a maioria das propriedades (65%) atinge até 80 hectares, ou seja, está dentro da classificação do INCRA como pequenas propriedades de até quatro módulos fiscais.

Nesta condição, a comunidade e o referido conselho representam espaços de vivência, trabalho, produção, lazer e interação social. Além disso, vivem do/no campo, utilizam das condições naturais e de práticas sócio-produtivas derivadas dos saberes e fazeres camponeses para continuarem produzindo no contexto agrícola contemporâneo.

Na área de estudo, identifica-se pelas práticas socioculturais a manifestação de especificidades da lógica camponesa, presentes nas relações produtivas mediadas pela sociabilidade e pela religiosidade. Observa-se, também, na comunidade o envolvimento familiar, a presença de propriedades e costumes tradicionais que envolvem os saberes transmitidos histórica e culturalmente.

A permanência de pessoas no espaço rural contemporâneo, pós “modernização” da agricultura, é colocada em questão ao pensarmos um contexto agrícola marcado pelo intenso uso de tecnologias e adoção de padronizações sócio-produtivas.

Entretanto, a realidade do campo na comunidade Olhos D'água indica que essa “modernização” fundamentada na oferta de pacotes tecnológicos para dinamizar a produção, ocorreu, mas não foi capaz de homogeneizar as práticas produtivas. No lugar elas são múltiplas e, em tempos atuais indicam metamorfoses que principiam coexistências de práticas sócio-produtivas “antigas” e “modernas”.

Os interesses mútuos estabelecidos nessa comunidade são repletos de elementos da territorialidade, principalmente religiosos indicando certa apropriação social do território, isso permite transformações nas realidades vividas coletivamente.

Territorialidades são arquitetadas como elementos presentes no modo de vida e no cotidiano. Compõem viver dos sujeitos e caracterizam-se como essenciais para a dinâmica da comunidade estudada nas dimensões social, econômica, cultural e política.

A identificação de diversidades produtivas nos levou a discutir as diferentes lógicas e suas temporalidades sociais, pluralidades de práticas produtivas e culturais existente no lugar. O grupo social de camponeses é composto por sujeitos que se mantêm no contexto agrícola relacionando em distintas proporções saberes e fazeres produtivos ao uso de novas tecnologias. Neste contexto procuram atender as demandas da produção.

Assim, analisando as estratégias de reprodução e inserção no mercado procurou-se conhecer os atos territoriais em que parece fortalecer os sujeitos que usam o conselho comunitário para reivindicar e na medida do possível obter do poder público o atendimento das suas demandas, pautadas nas reuniões como necessidades.

CONOTAÇÕES DE UM ESPAÇO RURAL TRANSFORMADO

O espaço rural brasileiro é composto por diversidades nas relações produtivas que são relativas e relacionais as especificidades dos lugares. Os sujeitos que realizam sua existência no espaço rural estabelecem relações advindas de uma residualidade camponesa que na bacia do rio Araguari foram assim observadas.

[...] “Esses camponeses não são somente produtores de mercadorias; não são tão somente funcionais à produção e reprodução do capital. Diante das modificações que o espaço do lugar vivido sofre, esses camponeses, estão dando um sentido próprio, diferente, particular, a essas modificações, estão imprimindo nelas a sua lógica e incorporando esse espaço em seus territórios” (KINN, 2010, p. 42).

Nesse contexto, uma perspectiva simbólica do território é utilizada nesta análise, indo de acordo com a abordagem de Bonnemaion e Cambrezy (1996), que admitem o entendimento do território em sua dimensão mais visível e destacam que o território não diz respeito apenas ao ter, mediador de relações de poder, mas ao ser, “o território cultural precede ao território político e ao espaço econômico. O domínio do espaço territorial revela que esse espaço é cercado de valores não somente materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos” (1996, p. 10).

Uma das características do território são o movimento e a mutabilidade, dessa maneira, este

[...] “tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2006, p. 15).

A partir de tais ideias compreendemos que a análise geográfica de um grupo social, na qualidade de sujeito de pesquisa, deve considerar o território e as territorialidades como categorias dinâmicas, pois não existe algo permanente no espaço e no tempo, tudo está em constante transformação. Além disso, é o uso do território que o faz tema de análise nas relações socioprodutivas, e não as delimitações do território em si.

Conforme a abordagem de Haesbaert, a territorialidade pode ser definida como:

[...] “conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural. Territorialidade, além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples “qualidade de ser do território”, é muitas vezes concebida em um sentido estrito como a dimensão simbólica do território” (HAESBAERT, 1995, p. 14).

A comunidade rural Olhos d' Água tem a demarcação territorial de conselho comunitário como dimensão política, entretanto as territorialidades se dão nas relações dos camponeses, nos desdobramentos imateriais da vida em suas várias dimensões que podem ser observadas nas práticas culturais e na diversidade sócio-produtiva que lhes são próprias.

Estas diversidades ficam evidenciadas quando pensamos nos vínculos territoriais, considerados, de acordo com Heidrich (2004) como “resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida” (HEIDRICH, 2004; p. 31).

Assim, o pequeno produtor rural estabelece, em sua dinâmica de produção e lógica de reprodução, próprias desse grupo social, que se distinguem dos demais produtores, construções sociais advindas dos conteúdos territoriais que especificam seu modo de vida.

No lugar estudado observa-se que as diversas interpretações e representações dos camponeses sobre os ciclos da natureza, indicam que eles entendem esse mundo que os cerca de maneira a criar distinções que permitem o uso dos recursos naturais do local, incluindo suas práticas socioculturais de maneira estratégica.

De acordo com Kinn,

[...] “As interpretações camponesas no espaço vivido, sobre o plano da produção e da vida, são concebidas a partir de uma lógica pautada na manutenção da propriedade e na satisfação das necessidades sociais da família. [...] as relações de pertencimento, de identidade e enraizamento, o domínio de técnicas e de saberes, as histórias de vida propiciaram fundamentos para esses camponeses continuarem existindo, vivendo e lutando” (KINN, 2010, p.101).

A partir do trabalho com a terra, desenvolvem usos e apropriações do espaço. No lugar criam seus domínios territoriais e complementam sua existência e as propriedades de seu “ser”. Há que destacar que os sujeitos da realidade em estudo (re)constroem seus meios de existência de modo a estabelecer potencialidades de permanência vinculadas aos ciclos produtivos.

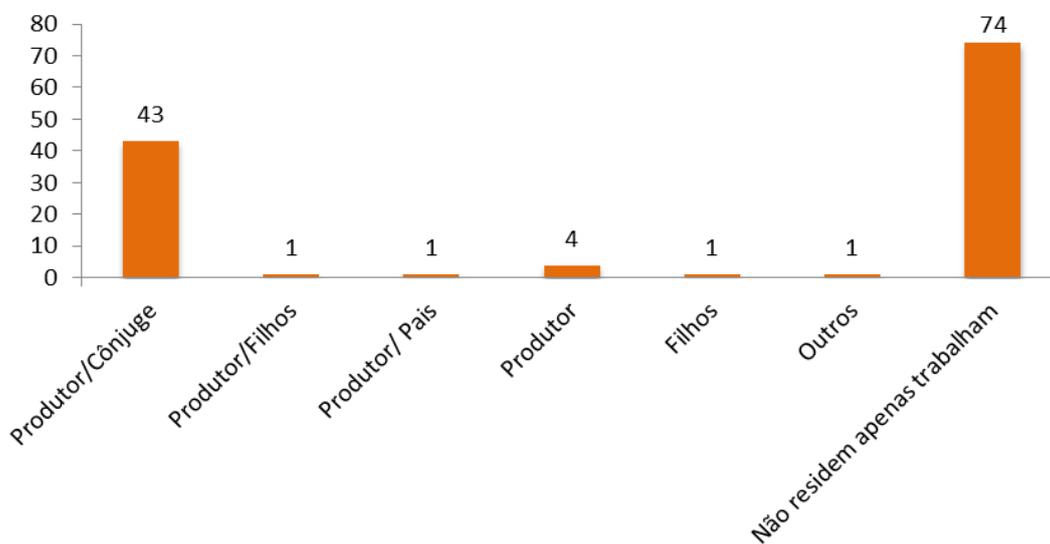
Na arquitetura de seus modos de vida, como possibilidade de enfrentamento de uma realidade impositiva, mas ao mesmo tempo densa e complexa, muitas vezes para além do controle dos seus saberes, desenvolveram estratégias de enfrentamento político. Os sujeitos em seu processo de reinventar-se têm na comunidade, o constructo cultural e político específico que assume características próprias de “proteção” da coletividade.

ESPECIFICIDADES DOS PRODUTORES CAMPONESES DA COMUNIDADE OLHOS D' ÁGUA

Os produtores camponeses podem ser definidos com base no nível de inserção ao mercado, na produção voltada para uma parcela específica do comércio de alimentos e também na lógica produtiva inter-relacionada com o modo de vida. Isso tudo coloca a estrutura familiar em contato direto com a produção, mercado, estado, propiciando arranjos sociais que fundamentam suas estratégias produtivas.

Com base nos dados do levantamento rural realizado nos anos de 2011 e 2012 pela Prefeitura de Uberlândia (Figura 1), ao se considerar todas as situações apresentadas no gráfico 01, na comunidade Olhos d'Água em 51 propriedades existem pessoas que nelas residem. Em 74 propriedades os produtores mantêm residência em outros lugares, mas vem diariamente até a comunidade para trabalharem. Dentre os responsáveis pela produção 89% são do sexo masculino e apenas 11% estão sob o controle de mulheres.

Figura 1. Residência na comunidade pelos produtores rurais.



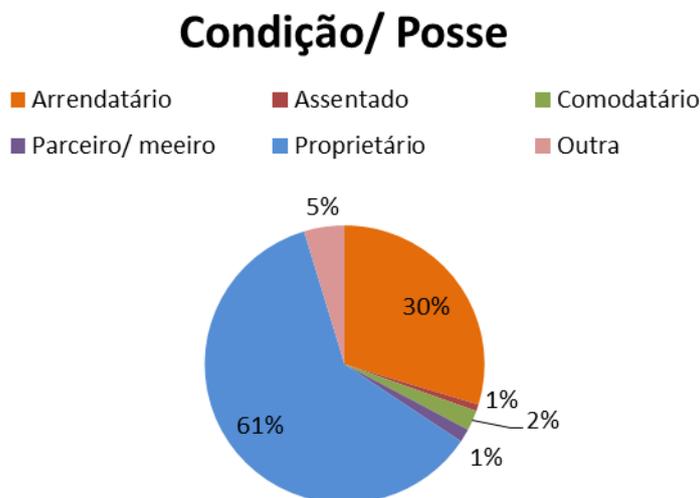
Fonte: Levantamento Rural da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado pelos autores, 2015.

As condições de uso das terras para produção são apresentadas na figura 2. Observa-se que os camponeses analisados além de viver do lugar, vive no lugar sob diferentes condições, entretanto mantém características de produzir os meios de vida mediante o trabalho com a terra.

Dentre os produtores da Comunidade Olhos d'Água 61% são os donos das terras, a outra condição que detém predomínio nas áreas de produção é o arrendamento. Nas relações de

arrendamento supõe-se que há uma proximidade entre os sujeitos que negociam o uso das terras.

Figura 2. Condição de uso da terra pelos produtores rurais.



Fonte: Levantamento Rural da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Adaptado pelos autores, 2015.

Para Fernandes (s/d),

[...] “o arrendamento é uma possibilidade de recriação do campesinato, outra é pela compra da terra e outra é pela ocupação da terra. Essas são as três formas de recriação do campesinato. E assim se desenvolve num constante processo de territorialização de desterritorialização da agricultura camponesa, ou de destruição e recriação do campesinato” (p.1).

Assim, as formas de produção se desenvolvem em um contexto que advém de relações históricas reinventadas para as condições da contemporaneidade. A comunidade em estudo está localizada em uma região de ocupação que remete ao século XIX, quando, de acordo com relatos, que as primeiras fazendas e fazendeiros do município de Uberlândia se instalaram nessa região. Elas foram motivo de partilhas entre familiares, mas seus herdeiros mantiveram até a atualidade (2015) elementos na paisagem que rememoram suas origens. Assim, devido ao conteúdo de historicidade, trata-se de uma área que abriga instalações, símbolos e modos de vida tradicionais, como as formas de rezas, por exemplo.

Configuram-se como patrimônio edificado da comunidade os tradicionais cruzeiros que

“na seca nós tudo aqui sabia que era só ir molhar o pé do cruzeiro com fé e muita oração que logo a chuva apontava, vinha gente de

tudo quanto era lado. Hoje ninguém reza mais por isso essa falta de chuva”¹.

Para além do patrimônio edificado, simbolismos e práticas socioculturais, sobretudo religiosas, permanecem na memória do camponês e também na paisagem os resíduos de um modo de vida carregado de elementos culturais, que compõem a materialidade e a imaterialidade das relações estabelecidas na comunidade.

No município de Uberlândia a comunidade Olhos d'Água é tida como referencia em localidade tradicional, devido ao início da ocupação produtiva ter ocorrido nessa de área que nutre até os dias atuais (2015) elementos das ocupações territoriais dos pioneiros, como casarões e cruzeiros (foto 01) entremeados às reocupações contemporâneas.

Figura 2. Sede de fazenda produtora de gado de corte e leiteiro na comunidade rural Olhos d'Água, município de Uberlândia, MG. A estrutura da casa principal remete aos antigos casarões pelo tamanho e quantidade de janelas, o cruzeiro e a presença do curral junto a casa denotam traços de práticas socioculturais centenárias. Essas paisagens culturais de tempos passados mantidos no lugar compõem parte do patrimônio edificado da comunidade



Autor: SANTOS, 2015.

Nessa localidade é possível encontrar propriedades remanescentes das sesmarias que foram deixadas de pais para filhos como herança e considerando a transmissão dos saberes, a produção ocorre com alguma (re)significações, mutações para atender as demandas e imposições da atualidade.

Os principais cultivos são de verduras, hortaliças e frutas. Há também produção de frango, suíno e gado de corte e leiteiro.

Tais produções envolvem saberes e fazeres, presentes no cotidiano dos camponeses que foram sendo adquiridos ao longo do tempo e do espaço, processados como práticas, todavia foram se modificando de acordo com as necessidades dos próprios camponeses.

Ainda de acordo com a concepção de Fernandes (s/d), a produção camponesa

¹ Entrevista obtida, pelos autores, com produtor rural tradicional da comunidade Olhos d'Água, Uberlândia, MG. Julho de 2015.

[...] “pode ser vista como uma importante forma de organização social para o desenvolvimento humano em diferentes escalas geográficas, pois provoca impactos socioterritoriais contribuindo para o desenvolvimento regional e contribuindo com a melhoria a qualidade de vida” (p.3).

A vida do camponês é marcada pela sociabilidade que garante a sensação de satisfação por fazer parte de um grupo que pode se mobilizar em nome das necessidades comuns da sua comunidade.

A sociabilidade entre os produtores camponeses ocorre nos momentos em que a interação traz coesão ao grupo que tem a comunidade como parte de sua identidade. Nesse sentido, na sociabilidade campesina os significados das relações vão além dos aspectos econômicos e permeiam os âmbitos da reciprocidade no atendimento às necessidades e carências coletivas.

O envolvimento dos sujeitos com a comunidade, com a religiosidade e com a identidade cultural campesina é significativo, além disso, a organização social possibilita, na medida do possível, o suprimento de necessidades comuns. No caso do conselho comunitário, a comunidade estabelece suas demandas, obtendo do poder público máquinas e equipamentos, considerados de alto valor monetário, tal como o trator.

Essa característica desse grupo social foi observada nas reuniões comunitárias, principalmente nas festas familiares e religiosas. Nelas comparecem pessoas que estabelecem relações de pertencimento com a comunidade rural e que assentam no religioso a sustentação de práticas sociais que lhes proporcionam lidar com as incertezas de várias ordens.

“Aqui nós é unido, sabe? Chega a época da festa de São Sebastião, padroeiro da igreja da comunidade aqui, os festeiros sai andando nas fazendas pra pedir doação. A gente doa bezerra, porco, galinha, arroz... As muié faz umas quitanda pra levá pra igreja porque lá depois da missa tem um leilão... E assim vai, nós fica tudo satisfeito por ter o que doar pra igreja... São Sebastião abençoa que no outro ano a gente possa doar e fazer parte da festa também”².

As práticas religiosas são referências que vão servindo como mediação, contribuindo para interações deste grupo no espaço, suscitando formas de ação neste mundo, repleto de incertezas. A prática de fazer doações para a realização da festa da igreja é tida como uma forma de agradecimento pelas graças alcançadas, principalmente nas colheitas e na pecuária. Além da doação de bens a realização da festa se dá por meio da concessão de tempo e conhecimento dos familiares para organizar as festividades.

Nesse sentido, os saberes e fazeres destes sujeitos não são usados apenas para objetivarem a produção. Eles nutrem ao mesmo tempo em que orientam suas concepções de mundo, no qual passam a incorporar a sociabilidade religiosa como um elemento favorável às situações de carecimento que passam coletivamente.

Assumindo caracteres virtualizantes, esse modo de viver no e do lugar os tornam sujeitos transcendentais, capazes de entender os contextos em que estão inseridos.

Mais do que uma oposição às imposições, reinventar-se a partir das suas sociabilidades e reciprocidades, indica mutações no modo de darem continuidade a reprodução de práticas socioculturais que, pela ordem social estabelecida, deveria ter sido abandonado. Como exemplo, citamos a ajuda mútua e combinada estabelecida na troca de serviços presente na produção dos silos para tratar do rebanho de gado leiteiro. Esse tipo de ajuda não é habitual num contexto da contemporaneidade em que as relações são marcadas pela individualidade imposta pela sociedade dominada pela lógica capitalista.

² Entrevista obtida, pelos autores, com produtor rural tradicional da comunidade Olhos d'Água, Uberlândia, MG. Julho de 2015.

Essa produção dos silos, a partir de relações que mantém a troca de serviços, se sustenta a partir de resíduo de práticas socioculturais pretéritas, visto como aquilo que fica de outras temporalidades sociais para os sujeitos usarem ao seu favor. Na comunidade, os resíduos identificados como saberes e fazeres camponeses são usados em um contexto de mudanças nas condições sociais, técnicas, econômicas e principalmente temporais. Seja como memória, seja como prática, o resíduo é o que tem significado e comparece como um elemento importante das estratégias daqueles produtores rurais.

Assim, as relações comunitárias seguem nexos colaborativos em que a ajuda mútua é fortalecida nas práticas envolvendo várias doações, inclusive de trabalho nos períodos de preparo de silagem, na compra coletiva de insumos e máquinas agrícolas, entre outras demandas.

Nas práticas envolvendo a economia de mão de obra tomamos como exemplo o uso de maquinário compartilhado. Este pode ser visto como uma ação construída a partir de lógicas camponesas, na qual os equipamentos podem ser utilizados por todos os membros do conselho comunitário sendo cobrado o combustível e um valor abaixo do mercado pelo aluguel do maquinário.

Nos ciclos da produção, em um contexto marcado pela dificuldade de mão de obra no espaço rural, a ajuda entre vizinhos é de primordial importância. Além disso, se essas relações forem nutridas pela reciprocidade podem ser vistas como estratégia para o atendimento das demandas derivadas das imposições socioprodutivas.

Desse modo, as relações de vizinhança são abalizadas por uma solidariedade mútua que comparece em períodos de trabalho com a terra. Em que é necessário incorporar mais trabalho para garantir resultados satisfatórios, como é o caso da construção dos silos.

Nestes momentos de maior interação de trocas e reciprocidades, deposita-se nos silos a possibilidade de manter a produção de leite no período de estiagem, que normalmente vai de abril a outubro na área em estudo.

Assim, vão compondo acordos tácitos, mediados pelas reciprocidades nas diversas formas de trocas. Desse modo, a troca é uma instituição legitimada pelas necessidades e carências, pois por meio delas conseguem se realizar como camponeses. Ao trocarem coisas, estabelecem certezas, confianças em uma sociedade repleta de precariedades.

Nessas relações também percebemos mais finamente o uso do território, cuja vida se estabelece nas territorialidades. Isto é, no cotidiano as especificidades das relações presentes nesta comunidade definem o “desenho” da existência desses sujeitos, que vão se definindo “por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através de práticas sociais, é que se produz território, ou ao menos a sua condição – uma territorialidade” (HEIDRICH, 2004, p. 38).

Dentre as várias situações que evidenciam as especificidades da comunidade em estudo, podemos considerar a sociabilidade no trabalho e a ajuda mútua nos períodos de colheita e preparo de solo e silos para alimentar o gado leiteiro. Essas práticas trazem significados singulares ao território, concretizados no lugar por meio de compromissos que representam na prática cotidiana dos sujeitos locais o caráter intangível das suas relações.

Diante disso a territorialidade vai ocorrendo quando os sujeitos se integram ao território e quando estes têm consciência de participação no mesmo. Ela está ligada ao pertencimento, a identidade, ao enraizamento, entre outros elementos, que inter-relacionados com as dimensões econômicas e políticas do território efetivam formas particulares de apropriação e de produção do espaço.

Nesse sentido, a dimensão cultural no território é tida como fator de construção da territorialidade considerando as constantes transformações, além de que este movimento perpassa por elementos simbólicos, como as mediações do religioso, na materialidade e imaterialidade dos seus simbolismos. Consequentemente, as práticas religiosas ressignificadas pelas práticas socioculturais possibilitam uma existência local daquele camponês.

Os elementos simbólicos compõem as diversidades que ficam evidenciadas nos vínculos territoriais estabelecidos pelos camponeses, nas suas dinâmicas de produção e lógicas sociais que se contextualizam em uma existência repleta de especificidades.

Contudo, a existência camponesa no lugar encontra-se relacionada ao mercado ao estado e ao momento tecnológico que vivemos. Neste contexto, as especificidades são constituídas por projetos de vida que nas relações com os vizinhos fortalece práticas sociais que transbordam no processo de construção do lugar-coletivo, o qual está implicado na reprodução de uma existência dotada de intencionalidades densas e complexas. Dialogicamente, os vínculos com o lugar são multidimensionais.

Nesse sentido, os camponeses podem ser vistos como uma categoria com identidade própria e mutável, advinda de seu modo de produção e vida no campo considerando que “na identidade existe uma relação de igualdade que une o grupo, igualdade válida para todos os que a ele pertence. Porém, a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, diferente” (HAESBAERT, 1999, p. 183).

Considerando que na atualidade, o modo de vida camponês tem se transmutado a fim de aderir às práticas capitalistas desenvolvidas, muitos se denominam como agricultores familiares, principalmente para ter acesso às políticas públicas.

Entretanto, os saberes campesinos reinventados se fazem presente constantemente na produção. Desse modo, passam por períodos em que a produção não gera renda para aquisições tecnológicas, porém, não deixam de trabalhar com a terra.

Na lógica campesina, há a valorização do trabalho, da terra e da produção, e não um nexos necessariamente capitalista/empresarial. Por tais razões é fundamental analisá-lo em transcendência às materialidades circunstanciais.

Porquanto as relações de vizinhança são mais consolidadas em comunidades rurais, nas quais os sujeitos tendem a atribuir maior importância às suas “humanidades”, valores de caráter intersubjetivo, como, por exemplo, costumes, emoções e experiências.

Como grupo social que estabelece conexões, a comunidade rural “Olhos D’água”, constitui espacialidades ricas e características singulares no que diz respeito à maneira de organizar sua existência. O convívio com os vizinhos em comunidade é estabelecido por trocas diversas, apresentando coesões próprias.

A relação que estabelece com a terra compõe intimamente os sujeitos, que se veem como pertencente àquele lugar e assim realizam sua existência. Nela os elementos naturais são usados como potência para realizar os projetos da família. Dessa maneira, o patrimônio vai além de um bem e passa pela dimensão de representar possibilidades de realização dos sujeitos no lugar.

Em uma das propriedades da comunidade encontramos uma situação em que o produtor utiliza a força da água para operar várias máquinas. Algumas delas foram idealizadas pelo grupo familiar, principalmente para a produção de cachaça, melado e rapadura artesanal, mas que também são operadas para realizar a moagem de alguns grãos e descasca do arroz (foto 02).

Figura 3. Mosaico de imagens que registram a estrutura técnica da propriedade idealizada pela família do camponês. Nesta organização utiliza da força da água para movimentar os motores dos equipamentos usados na produção artesanal de rapadura, melado, cachaça e moagem de grãos.



Fonte: Trabalhos de campo, 2015.

Nesse lugar, houve uma mudança no tipo de produção que antes era de leite, e atualmente a estrutura do curral foi adaptada para o beneficiamento da cana-de-açúcar de forma artesanal. Os usos e concepção do espaço indicam formas de usar a natureza a favor da produção camponesa. Também ajudam a compreender as mutações ocorridas na produção e comercialização da família camponesa, bem como nos seus hábitos produtivos.

A sabedoria do produtor se manifesta em atos que propiciam novos arranjos produtivos. Atentos a atual conjuntura do mercado, redefinem suas práticas produtivas. Associadas a sua criatividade a reorganização produtiva da propriedade proporciona o surgimento de novas habilidades. Neste processo o camponês se reinventa para enfrentar as especificidades de cada momento. Assim, a produção já praticada pode ser alterada, substituída, pois se trata de produtores rurais dinâmicos que procuram oferecer às suas famílias alternativas a sua existência.

A utilização das condições naturais demonstra os conteúdos dessa sabedoria campesina, e, no caso exemplificado, o uso do córrego é uma estratégia para produzir energia e se livrar de partes significativas dos custos de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade rural Olhos d' Água, histórica no município de Uberlândia-MG, é constituída por sujeitos que estabelecem relações múltiplas nas múltiplas ou multidimensões da vida cotidiana e adquirem expressiva importância na produção de alimentos.

As relações do/no lugar, promovidas pelos vínculos territoriais, fortalecem a comunidade delineada pela sociabilidade camponesa.

Nas práticas socioculturais modificadas as experiências produtivas vindas de outras temporalidades sociais permanecem na contemporaneidade, internalizadas na subjetividade dos camponeses são utilizadas como estratégias para realizar a sua permanência no lugar.

Alguns procedimentos de trabalho envolvendo a ajuda mútua, troca simples de produtos, acordos tácitos presentes na vida dos produtores rurais fazem aparecer a lógica campesina. A partir dela criam condições sociais de produção fundamentando formas específicas de funcionamento de suas propriedades. Nestas circunstâncias os estabelecimentos camponeses podem ser considerados como lócus onde são estabelecidos conexões do velho com o novo, decorrente de um modo de vida que se redefine para existir como diferente.

Portanto, ser recíproco é uma maneira de se comportarem nas relações socioculturais envolvendo a comunidade. Nela eles se orientam para desenvolverem práticas produtivas que vão nutrindo e sendo nutridas por um conjunto de estratégias de produção e inserção de novas tecnologias que combinadas àquelas antigas reacendem inúmeras possibilidades de viver do/no lugar.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e fomento a essa pesquisa. Ao Instituto de Geografia-UFU e ao Laboratório de Geografia Cultural, local de realização das atividades. À Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento pelo fornecimento de dados e esclarecimentos. Às famílias camponesas da comunidade Olhos D'água.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J.; CAMBRÉZY, L. Le lien territorial: entre frontières et identités. *Géographies et Cultures. Le Territoire*, n. 20. Paris: L'Harmattan, 1996.

FERNANDES, B.M. **Delimitação conceitual de campesinato**. Versão preliminar. s.l., s. d.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.165-205.

_____. Identidades territoriais. In: Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HEIDRICH, A.L. Território, Integração Socioespacial, Região, Fragmentação e Exclusão Social. In: SPOSITO, E.; SAQUET, M.; RIBAS, A. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 37-65

KINN, M.G. **Lugares e territórios camponeses em iniciativas turísticas**: os usos dos espaços no entorno dos lagos das hidrelétricas Amador Aguiar I e II – Triângulo Mineiro – MG. 2010. 200f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, R.J.; KINN, M.G. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 58-71, 2009.

SANTOS, R.J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado**: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.